Sociedade Brasileira de Psicologia
Razão Social: Associação Brasileira de Psicologia
Declarada de utilidade pública municipal – lei nº 2923/74 e 6623/93
Fundada em 25 de setembro de 1971 - CNPJ 48.014.294/0001-37

Nota técnica baseada em evidências sobre a divulgação de informações sobre ataques e atos violentos contra escolas

Ataques recentes a escolas brasileiras têm sido amplamente discutidos nas mídias tradicionais e nas redes sociais nos últimos tempos, apesar de não ser algo novo, nem no Brasil e nem no mundo. A discussão que está em pauta em meio ataques perpetrados em 2023 é a decisão de alguns veículos de comunicação de restringir o acesso a detalhes desses eventos. Somado a isso, temos acompanhado a discussão do papel da internet na propagação de ódio, *fake news* e de atos violentos, com entidades como o Supremo Tribunal Federal e o Ministério da Justiça, articulando medidas com fins regulatórios para o mundo virtual. Muitas pessoas têm questionado tal restrição e discutido as limitações da internet, mas há motivos importantes para essa nova abordagem dos fatos, em especial sobre o manejo adequado desses veículos de comunicação para prevenir a violência em contexto escolar.

Dois fenômenos têm sido associados à ocorrência de ataques a escolas: o contágio e a imitação. O contágio se refere ao aumento da probabilidade de ocorrência de ataques parecidos (de mesma natureza) em curto espaço de tempo, e a imitação diz respeito à execução de comportamento violento com características similares ao ocorrido originalmente (uso de roupas, acessórios e armamento semelhantes, reprodução do mesmo tipo de violência, etc.) (Meindl & Ivy, 2017). O contágio se refere a um fenômeno de curto prazo, identificado em estudos realizados especialmente, em países da América do Norte (Estados Unidos e Canadá) e Europa (Towers et al., 2015), mas também identificado no Brasil após os ataques a escolas nos primeiros meses do ano de 2023. A imitação, por sua vez, é um comportamento que pode ocorrer muito tempo após a ocorrência de um ataque, como tem se verificado no Brasil (por exemplo, Goiânia em 2017, João Pessoa em 2012, Suzano em 2019), e nos Estados Unidos em ataques inspirados no caso da escola de Columbine, mais de 15 anos depois de sua ocorrência (Schildkraut, 2019).

Autores como Meindl e Ivy (2017) têm relacionado o fenômeno da imitação aos conhecimentos já produzidos na Psicologia sobre imitação generalizada (Kymissis & Poulson, 1990), enfatizando que algumas variáveis específicas podem estar envolvidas na imitação de comportamentos violentos ocorridos em ataques a escolas: a identificação de suas próprias características em características do perpetrador da violência (especialmente em relação à idade e gênero); o alto grau de notoriedade obtido pelo autor do ataque, o que lhe confere um certo status social como recompensa pelo ocorrido; e a noção de que o autor do ataque foi competente em atingir seus objetivos, seja matando ou ferindo o maior número de pessoas possível, seja divulgando a si mesmo ou suas ideias. É relevante destacar que a imitação pode ocorrer sem que a pessoa assista ao modelo diretamente. O conjunto de informações recebidas por diferentes fontes pode ser suficiente para o processo de identificação e reprodução do modelo. É exatamente nesse sentido que o papel da imprensa e das mídias sociais contribuem para a ocorrência de contágio e de imitação em ataques a escolas.

De uma forma geral, dados de literatura têm reforçado o papel de conteúdos de audiovisual na perpetuação de atos violentos e que reforçam a importância, não apenas de entender o fenômeno comportamental, mas alertar, de forma mais ampla, para o papel de todos os recursos de comunicação (TV, rádio, jornal, mídias sociais) na disseminação desses eventos. A grande maioria das pesquisas concorda que a exposição a conteúdo violento na forma de filmes, programas de entretenimento, redes sociais, músicas e jogos (videogames e jogos online) é um fator de risco que aumenta a probabilidade de uma criança ou adolescente apresentar comportamento agressivo. Essa conclusão geral foi tirada a partir de inúmeros estudos independentes. A quantidade de exposição à violência pela TV na infância está correlacionada positivamente com comportamento agressivo na idade adulta, mostrando efeitos de longo-prazo e/ou cumulativos dessa exposição. Além disso, os estudos indicam que a percepção pela criança de que a violência apresentada na TV, por exemplo, reflete a vida real, e a identificação dela com personagens violentos de filmes ou outros programas, foram preditores de comportamento agressivo mais

frequente na vida adulta. Essa relação foi identificada independentemente do quanto os participantes do estudo eram agressivos na infância (Huesmann et al., 2003).

Além disso, a exposição a conteúdo violento em diferentes mídias está relacionada à tendência dos indivíduos em avaliar de forma hostil diferentes situações, especialmente à tendência de perceber situações ambíguas como hostis e presumir que as pessoas irão reagir a potenciais conflitos de forma agressiva. É importante considerar que pensamentos e afetos agressivos são importantes fatores de risco proximais do comportamento agressivo. Em especial, a exposição a conteúdo violento pode ter efeitos cumulativos e de longo prazo sobre a forma mais ou menos hostil como crianças e adolescentes avaliam o mundo e as situações à sua volta (Bushman, 2016).

Embora não existam diretrizes claras e derivadas de estudos científicos sobre a forma de divulgação desses ataques pelos diferentes tipos de veículos de comunicação, a Organização Mundial da Saúde divulgou, em 2017, um conjunto de recomendações para orientar profissionais de mídia sobre a divulgação de ocorrências de suicídio, outro comportamento suscetível à imitação. Com base nessas diretrizes, Meindl e Ivy (2017) e Schildkraut (2019) indicam que os veículos de comunicação devem adotar certas medidas que podem diminuir a probabilidade de ocorrência de comportamentos de imitação desses ataques:

- Evitar a espetacularização do evento, seja por meio da linguagem utilizada na divulgação, ou pelo tipo de descrição / apresentação visual do fato - divulgação de imagens detalhadas do ataque, por exemplo. Essa forma de apresentação pode aumentar o prestígio do autor do ataque, tornando-o um modelo a ser seguido por indivíduos propensos a esse tipo de conduta.
- Evitar a divulgação repetida da notícia e coberturas excessivamente extensivas da ocorrência, inclusive com chamadas ao vivo, pelos mesmos motivos apontados acima.
- Evitar divulgar informações muito pessoais sobre o autor do ataque: nome, fotos, seus vídeos em redes sociais, sua história pessoal, seus escritos, etc. Além de conferir notoriedade ao autor, de fornecer modelo de estilo de vida e informações detalhadas sobre o plano seguido (o que pode ser utilizado como inspiração para outros), a

apresentação desses detalhes pode ocasionar a revivência contínua do trauma vivido pelas pessoas afetadas pelo ataque - as vítimas, seus familiares e a própria comunidade).

- Evitar minimizar a ação do autor do ataque, dando justificativas para o ocorrido - sugerindo, por exemplo, que o autor fez uma retaliação contra aqueles que o submetiam a bullying no ambiente escolar. Esse tipo de apresentação pode gerar justificativas para indivíduos que passam por situações similares.
- Evitar descrever os autores dos ataques como participantes de uma tendência.
- Informar e educar os leitores que, em caso de recebimento de mensagens em redes sociais ou WhatsApp com conteúdo violento ou ameaçador de ataques contra as escolas, não se deve repassar a mensagem nas suas redes sociais ou de contatos, mas enviar a informação para um site especialmente criado para esse fim, o Escola Segura (https://www.gov.br/mj/pt-br/escolasegura). A denúncia é anônima.

Portanto, a decisão de alguns veículos de comunicação brasileiros de restringir informações sobre os autores de ataques a escolas é uma atitude responsável, que pode minimizar a ocorrência dos fenômenos de contágio e de imitação. Essa mesma atitude deveria ser seguida por todas as pessoas em suas próprias redes sociais, evitando compartilhar conteúdos sensacionalistas sobre tais eventos, informações sobre os autores e, especialmente, vídeos mostrando os ataques em detalhes.

É importante que essa nota de recomendação da Sociedade Brasileira de Psicologia seja multiplicada entre os profissionais de psicologia no intuito de dirimir eventuais dúvidas, desestimular o pânico causado por *fake news* que enaltecem a divulgação dos atos violentos detalhadamente, realizando psicoeducação em seu meio contra a apologia a qualquer ato violento, orientando, por meio de suas redes de networking, pais, alunos, professores e comunidade.

Nota elaborada por membros da diretoria da Sociedade Brasileira de Psicologia:
Profa. Dra. Andréia Schmidt
Profa. Dra. Katie MoraesAlmondes
Pro. Dra. Maycoln Teodoro

Referências:

Bushman, B. J. (2016). Violent media and hostile appraisals: A meta- analytic review. *Aggressive Behavior*, 42(6), 605-613.

Huesmann, L. R., Moise-Titus, J., Podolski, C. L., & Eron, L. D. (2003). Longitudinal relations between children's exposure to TV violence and their aggressive and violent behavior in young adulthood: 1977-1992. *Developmental Psychology*, *39*(2), 201.

Kymissis, E., & Poulson, C. L. (1990). The history of imitation in learning theory: The language acquisition process. J*ournal of the Experimental Analysis of Behavior*, *54*, 113-127

Meindl, J. N., & Ivy, J. W. (2017). Mass shootings: The role of the media in promoting generalized imitation. *American Journal of Public Health*, *107*(3), 368-370.

Schildkraut, J. (2019). Call to the media to change reporting practices for the coverage of mass shootings. *Washington University Journal of Law & Policy*, *60*, 273-292.

Towers, S., Gomez-Lievano, A., Khan, M., Mubayi, A., & Castillo-Chavez, C. (2015). Contagion in Mass Killings and School Shootings. *PLoS ONE, 10*(7), e0117259.

World Health Organization. (2017). Pr*eventing suicide: A resource for media professionals* (No. WHO/MSD/MER/17.5). World Health Organization. http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/2 5 8 814/WHOMSD-MER-1 7.5-eng.pdf.